

Boletim

Nº 2.060 - Ano 45 - 27 de maio de 2019

Raphaella Dias | UFMG

Materiais e produtos do Laboratório de Artes Gráficas (Grafo), da EBA, que recebeu recursos para modernização de equipamentos

LABORATÓRIOS PARA A INOVAÇÃO

Dezessete unidades acadêmicas receberam recursos da UFMG para criar, modernizar ou reestruturar laboratórios nos quais são desenvolvidas atividades de graduação. A intenção é que essas estruturas potencializem inovações no ensino e atendam estudantes de vários cursos.

Páginas 4 e 5

Estudo da Medicina
compara perfis da dengue
em Minas e na Colômbia

Página 3

2022 e direito à **MEMÓRIA**: uma **PROPOSTA** para a UFMG

Luciano Mendes de Faria Filho*
Valéria Raimundo**

Recentemente, morreu a professora Maria Célia Paoli, uma das grandes intelectuais brasileiras e importante militante pelo Direito à Memória. Maria Célia e Déa Fenelon, também de saudosa lembrança, ao longo de toda a década de 1980 e nos anos seguintes, foram ardorosas defensoras de que as disputas pelas memórias do Brasil e dos brasileiros e das brasileiras eram causas das mais importantes para a construção de uma sociedade e de um Estado democráticos no País.

Eram os anos de 1980, e lutar pelo Direito à Memória significava disputar os lugares e símbolos com os militares e com os movimentos civis autoritários, que, a partir do golpe de 1964, assumiram o governo da República e nos impuseram uma sangrenta ditadura por mais de duas décadas. Museus, praças, bandeiras, calendários, hinos, heróis, nomeação de ruas e de edifícios tornaram-se objetos de discussão e de disputas políticas.

Nas décadas seguintes, por meio de investimentos de grupos acadêmicos e de diversos profissionais – historiadores(as), arquivistas, museólogos(as), entre outros –, logramos construir instituições e políticas de memória e de produção do conhecimento histórico que, na luta contra o esquecimento, visavam tornar mais plural e densa a nossa compreensão do passado e de sua mobilização nas lutas travadas no presente.

Quando, em 2007, criamos o projeto Pensar a Educação Pensar o Brasil –1822/2022, nós o fizemos com a intenção de, no contexto do Bicentenário da Independência, que será celebrado em 2022, mobilizar a comunidade acadêmica e os(as) colegas professores(as) da educação básica para a discussão dos grandes temas que perpassam a educação nacional – dimensão fundamental de nossa constituição como Nação.

No horizonte de nossas indagações e de nossas ações, 2022 sempre se apresentou uma “data” emblemática para discutirmos o Brasil e as condições para construirmos, aqui, um país mais democrático, igualitário e justo.

Pensar o Brasil por meio de uma interrogação sistemática acerca da educação sempre nos pareceu uma maneira muito salutar de avançarmos, política e metodologicamente, nessa construção coletiva e democrática. Por isso, desde o início, nos propusemos a entrar na disputa pelos sentidos da educação no espaço público, o que significou atentarmos para a história e para as memórias da educação brasileira.

No entanto, quando criamos o Pensar a Educação Pensar o Brasil, jamais imaginávamos que as comemorações do Bicentenário da Independência seriam conduzidas por um governo que, em tudo, mostra-se contrário aos princípios, às políticas e às ações que defendemos. Um governo que apregoa o obscurantismo e políticas de memória que exaltam o pior do nosso passado. Os sentidos de história e de memória nacionais que o atual governo e suas forças aliadas pretendem nos impor mobilizam um inadequado revisionismo, exaltam o autoritarismo e a violência, desprezam as mulheres e as populações negras, indígenas e pobres, entre outros coletivos. E será essa, certamente, a tônica das comemorações que serão organizadas e patrocinadas pelo governo federal e seus aliados em diversos estados da Federação.

É preciso, pois, mais uma vez, disputar os sentidos e as narrativas de história e de memórias. E nada melhor do que reunir as forças que atuam dentro da universidade para participar dessas disputas. Com esse propósito, dirigimo-nos à Administração da UFMG e à comunidade universitária para construirmos coletiva e institucionalmente um plano de comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.

Ao longo da última década, discutimos, com variados parceiros, possibilidades de atuação conjunta. Algumas ideias foram implementadas, outras não. Entre as que ainda não se concretizaram, duas merecem destaque: a primeira seria a produção de uma coleção de livros com ensaios sobre grandes temas e questões brasileiras dos últimos dois sécu-

los. Em negociações malogradas com uma editora, elencamos mais de meia centena de temas, de abrangência geral ou específica, que merecem ser abordados: racismo, democracia, direitos humanos, educação, justiça, corrupção, populações indígenas, relações internacionais, fronteiras, metrópoles, ciências, artes, religiões e violência.

Em outra frente, pensamos em um grande portal da cultura e do conhecimento do Bicentenário da Independência do Brasil, que reuniria uma série diversificada de materiais – de documentação arquivística a livros, revistas, jornais, memórias, documentários e filmes – já existentes ou produzidos especificamente para alimentá-lo. Esse portal já seria um lugar de memória do Bicentenário e importante ferramenta de divulgação cultural e científica para o público não especializado. Além disso, seria um espaço fundamental de diálogo e interação com professores e professoras, com alunos e alunas da educação básica e com os movimentos sociais.

Imaginamos que muitos grupos na UFMG já estejam planejando e realizando ações tendo em vista o Bicentenário. O que estamos propondo é que, na UFMG, façamos um esforço coletivo e institucional para participar da disputa, no espaço público, pelos sentidos da memória e da história desses 200 anos de Independência. É um tema que interessa a todos nós e, hoje, mais do que nunca, não podemos deixar que ele seja conduzido exclusivamente pelo governo obscurantista e autoritário que atualmente dirige a República.

As comemorações do Centenário da Independência, em 1922, foram um marco em nossa história e, ainda hoje, ecoam em nossas memórias. Hoje, precisamos fazer mais e melhor, uma vez que temos todas as condições institucionais e a necessidade histórica de fazê-lo. É esse o desafio que lançamos à Reitoria e à comunidade universitária da UFMG.

* Professor da FaE/UFMG

** Professora da Fafich/UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

DENGUE COMPARADA

Pesquisa da Faculdade de Medicina analisa semelhanças e diferenças no perfil epidemiológico e clínico da doença em Minas Gerais e na Colômbia

Marcela Brito*

Em Minas Gerais, 88,6% dos casos graves de dengue ocorreram no meio urbano, de acordo com perfil epidemiológico traçado em pesquisa da Faculdade de Medicina. O maior número de casos foi registrado entre as mulheres. Os dados, colhidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), de 2010 a 2016, foram comparados com a incidência na Colômbia para identificar padrões da doença nos territórios. No vizinho sul-americano, a probabilidade de morte pela doença foi 1,2 vezes maior, e os homens é que integram o grupo com maior índice de mortalidade.

O estudo foi apresentado como tese de doutorado pela médica colombiana Farley Lilianna Romero Vega no Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde de Infectologia Tropical. De acordo com a pesquisadora, que trabalhou na Colômbia com doenças de transmissão vetorial, a comparação possibilita desenvolver estratégias mais efetivas para controlar a dengue e a chikungunya e gerar projeções com base no comportamento das enfermidades.

Minas e Colômbia têm em comum o período de epidemia da doença, que ocorre a cada três anos, com picos nos três primeiros meses. Além disso, em ambos os locais, os casos mais graves ocorrem, sobretudo, no meio urbano. De acordo com a pesquisadora Lilianna Vega, os surtos estão associados ao fato de o vírus se manter na natureza mesmo nos intervalos entre as epidemias, com possibilidade de circulação conjunta dos quatro sorotipos da doença. Outros fatores presentes nos dois territórios são a existência contínua do vetor transmissor, que se adapta rapidamente às áreas urbanas, as coinfeções de difícil diagnóstico e a baixa imunidade da população.

Diferenças

O maior número de casos graves de dengue em mulheres em Minas – cerca de cem a mais do que em homens – deve-se à característica domiciliar do mosquito, que se assemelha ao comportamento feminino indicado em outras pesquisas. Esses estudos mostram que as mulheres permanecem mais tempo em casa.

Na Colômbia, no entanto, os dados do Sistema Nacional de Vigilância em Saúde Pública (Sivigila) mostram que os homens formam o grupo de maior mortalidade em razão de fatores como a presença de outras doenças associadas à dengue e a demora para iniciar o tratamento adequado de casos que evoluem para outras complicações. Essa demora se deve à dificuldade do diagnóstico. Entre os sintomas de agravamento da doença, estão queda da pressão arterial, alteração de temperatura e batimentos cardíacos, além da alteração do sistema nervoso central. Essas características são associadas à lesão de órgão vital que pode resultar em morte.

No comparativo dos casos que evoluíram para o óbito, o número foi maior no vizinho sul-americano, 699 a mais que em Minas Gerais, que teve 801 notificações. “Em Minas Gerais, houve mais casos do subtipo 1 e 4; na Colômbia, os casos mais letais foram pelos sorotipos 2 e 1, no período de estudo. Ainda nos achados da pesquisa, foi observado que essa diferença também está relacionada à resposta imunológica da população frente às novas infecções e à falta de registros da doença por não terem sido diagnosticadas corretamente”, explica a médica.



Infográfico mostra especificidades da incidência de dengue em Minas e na Colômbia

Chikungunya

Essa infecção registra picos similares aos da dengue, com mais ocorrências no primeiro trimestre do ano, em razão de o vetor ser o mesmo – o mosquito do gênero *Aedes*. Para analisar os casos de chikungunya no estado, a pesquisadora selecionou o município de Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, por ter sido o primeiro a apresentar casos autóctones notificados, ou seja, contridos na localidade em que a pessoa vive.

“Ao comparar Santa Luzia com países que apresentaram surtos da doença, como a Colômbia, República Dominicana e ilhas do Caribe, a expansão da chikungunya na cidade foi limitada. Isso está associado à interação com outros vírus, como os da dengue e da zika, que são transmitidos pelo mesmo vetor, num lugar que historicamente é endêmico para dengue”, afirma Lilianna.

Na Colômbia, as cidades das regiões andinas e do Caribe foram epidêmicas por apresentarem concentração dos casos da doença. Um ponto comum entre esses lugares é a proximidade do curso do rio Magdalena. “Influenciaram a temperatura e a altitude nas quais o mosquito consegue se adaptar”, comenta a pesquisadora. No estado de Minas Gerais, não foram feitas pesquisas específicas para observar se há essa mesma relação. “Vamos continuar a fazer estudos para analisar a possibilidade desse padrão se repetir aqui”, planeja Farley Lilianna Romero Vega.

*Estagiária de Jornalismo da Faculdade de Medicina da UFMG

Tese: *Dengue e Chikungunya na Colômbia e em Minas Gerais, Brasil: análise clínica e epidemiológica, nos anos de 2010 a 2016*

Autora: Farley Lilianna Romero Vega

Orientadora: Mariângela Carneiro (UFMG)

Coorientadores: Juliana Maria Trindade Bezerra e Frederico Figueiredo Amâncio

Programa: Ciências da Saúde – Infectologia e Medicina Tropical

Gás novo para os LABORATÓRIOS de GRADUAÇÃO

UFMG investe recursos próprios para potencializar inovações no ensino

Carol Carvalho*

Há dois anos, foram lançadas novas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de farmácia no Brasil, e um dos pilares da proposta é a aplicação das chamadas metodologias ativas de ensino, nas quais o estudante é protagonista de seu processo de aprendizagem. Para cumprir essa orientação, a Faculdade de Farmácia está implantando o seu Laboratório de Competências Clínicas (LabClinFar), com recursos do Programa de Apoio a Projetos Estruturantes de Laboratórios para o Ensino de Graduação (Paleg 2018).

Essa demanda, segundo a professora Clarice Chemello, do Departamento de Farmácia Social, coordenadora do laboratório, surgiu da necessidade do farmacêutico ter sua atuação centrada em três eixos: pessoa, família e comunidade. “No laboratório, o estudante será estimulado a desenvolver todas as competências necessárias. Ele vai articular conhecimentos teóricos e técnicos, treinará suas habilidades e aprenderá a construir atitudes em sintonia com essas diretrizes”, afirma.

O LabClinFar é uma das 17 estruturas que receberam recursos do Paleg para auxiliar a criação, a modernização ou a reestruturação de laboratórios de ensino na UFMG. “O apoio do Programa é essencial para a implantação do Laboratório, que, sem esse financiamento, levaríamos muito mais tempo para conseguir”, sustenta a professora.

Prioridade absoluta

Em 2018, a UFMG lançou edital que destinou pouco mais de R\$ 2 milhões de recursos próprios para o programa, que beneficiou 17 das 20 unidades acadêmicas. Ao todo, 33 propostas foram apresentadas. A reitora Sandra Regina Goulart Almeida afirma que o Paleg é resultado de uma política que busca valorizar as atividades de graduação e atender a uma demanda da comunidade, refletindo, ainda, uma preocupação com uma formação sintonizada com as exigências do século 21.

“Mesmo com toda a dificuldade financeira que tem enfrentado, incluindo o recente bloqueio orçamentário, a Universidade não vai medir esforços para investir recursos naquilo que é essencial para que a Instituição cumpra sua missão. E a formação de nosso estudante de graduação é uma prioridade institucional absoluta”, destaca a reitora. Segundo ela, a UFMG manterá o apoio às propostas aprovadas no edital de 2018 e “está trabalhando ativamente para reverter o bloqueio orçamentário deste ano de forma a dar continuidade a essa importante ação”.

De acordo com a pró-reitora de Graduação, Benigna de Oliveira, o Paleg integra uma política orientada pelo princípio da flexibilização curricular, pelo respeito à diversidade das áreas, buscando a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. “Selecionamos propostas com potencial para gerar inovações no ensino e com capacidade para atender estudantes de vários cursos”, afirma a pró-reitora. Um exemplo desse alcance é o Laboratório de Introdução à Computação (Laico), coordenado pelo ICEX, que deverá atender 20 formações – do curso de Física ao de Cinema de Animação e Artes Digitais.

Caso desejem, os laboratórios receberão suporte da Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino na Graduação (GIZ). A diretora do órgão, Maria José Batista Pinto Flores, argumenta que as



Atividade no Laboratório de Práticas de Enfermagem

instalações físicas de um laboratório não garantem, por si mesmas, a apropriação significativa do conhecimento. “É necessário que o processo de ensino esteja articulado a uma proposta pedagógica capaz de dar sentido ao que se produz nesses ambientes”, defende a professora. “Por isso, a implementação do Paleg está sustentada em objetivos focados na ressignificação das relações de ensino-aprendizagem”, complementa a diretora.

Avaliados pela Câmara de Graduação, os projetos aprovados atendem ao menos dois dos seguintes propósitos: introduzir novas metodologias pedagógicas ou avanços tecnológicos no ensino de graduação; promover atividades didáticas que contribuam para a melhoria de indicadores como evasão, retenção, rendimento médio e tempo de integralização curricular; desenvolver projetos que integrem ensino, extensão e pesquisa; criar condições para o desenvolvimento de práticas de ensino-aprendizagem-avaliação mais interativas e colaborativas; ampliar a oferta de atividades acadêmicas curriculares para os cursos de graduação com funcionamento no turno noturno.

Alcance

Os benefícios proporcionados pelo Paleg são destacados por professores que coordenaram as propostas enviadas à Pró-reitoria de Graduação. O professor Alexandre Uhlein conta que os recursos recebidos pelo Instituto de Geociências serão usados na compra de microscópios para estruturar o Laboratório de Petrografia Microscópica. “Atendemos estudantes de Geologia e poderemos receber também graduandos de Geografia e de Engenharia de Minas”, informa Uhlein, que é chefe do Departamento de Geologia.

No Instituto de Ciências Agrárias, em Montes Claros, os recursos serão empregados na reestruturação do Laboratório de Informática, que, segundo o professor Alcinei Místico, não estava suficientemente atualizado para oferecer suporte ao ensino. Sua estrutura é usada por turmas de várias disciplinas. “Apenas na minha disciplina [Estatística Experimental], 170 estudantes de graduação e pós-graduação utilizam laboratórios de informática neste semestre”, estima o professor do ICA.

A biblioteca-laboratório da Escola de Ciência da Informação (ECI), por sua vez, desenvolverá atividades didáticas para contribuir com o esforço de redução de indicadores como evasão, retenção e tempo de integralização curricular, explica a professora Lígia Moreira Dumont, coordenadora da proposta. O laboratório também planeja desenvolver projetos inovadores que integrem ensino, extensão e pesquisa, contribuindo para que as ações de extensão e pesquisa sejam incorporadas aos projetos pedagógicos como atividades complementares integralizadoras de créditos na graduação. Além dos estudantes de Biblioteconomia, o laboratório vai receber graduandos de Arquivologia e Museologia.

*Jornalista da Pró-reitoria de Graduação

PROPOSTAS		
LABORATÓRIO	UNIDADE	CURSOS ATENDIDOS
Laboratórios de Ensino das Ciências Naturais	Faculdade de Educação (FaE)	Química, Física, Ciências Biológicas, Pedagogia, Formação Intercultural para Educadores Indígenas e Licenciatura em Educação do Campo
Laboratório de Informática	Instituto de Ciências Agrárias (ICA)	Agronomia, Zootecnia, Engenharia de Alimentos, Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola e Ambiental e Administração
Laboratório de Microscopia	Instituto de Geociências (IGC)	Geologia, Engenharia de Minas e Geografia
Laboratório de Aula Prática de Biologia Molecular	Escola de Veterinária	Aquicultura e Medicina Veterinária
Laboratório de Competências Clínicas	Faculdade de Farmácia	Farmácia
Imagens Microscópicas ao Alcance de Todos (Imat)	Instituto de Ciências Biológicas (ICB)	Ciências Biológicas, Farmácia, Aquicultura, Medicina Veterinária, Enfermagem, Odontologia, Medicina, Biomedicina, Nutrição, Fonoaudiologia, Tecnologia em Radiologia
Núcleo de Antropologia Visual	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich)	Ciências Sociais, Antropologia, Ciências Socioambientais, Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda
Laboratórios de Ensino de Graduação do Departamento de Engenharia Elétrica	Escola de Engenharia	Engenharias: Elétrica, de Sistemas, de Controle e Automação, Aeroespacial e Química
Biblioteca-laboratório	Escola de Ciência da Informação (ECI)	Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia
Laboratório de Artes Gráficas (Grafo)	Escola de Belas Artes (EBA)	Artes Visuais, Design e Design de Moda
Laboratório de Introdução à Computação (Laico)	Instituto de Ciências Exatas (ICEx)	Física, Matemática, Ciências Atuariais, Estatística, Geologia, Matemática Computacional, Cinema de Animação e Artes Digitais, Sistemas de Informação, Ciência da Computação, Química e 10 engenharias: Aeroespacial, Civil, de Minas, Metalúrgica, Química, Ambiental, de Produção, Elétrica, de Sistemas e de Controle e Automação
Sistema radiográfico digital nas clínicas	Faculdade de Odontologia	Odontologia
Laboratórios de Experimentação, Prototipagem e Maquetes	Escola de Arquitetura	Design e Arquitetura e Urbanismo
Laboratório de Legislação e Políticas Públicas (Legislab)	Faculdade de Direito	Direito, Ciências do Estado e Gestão Pública
Laboratório de Edição	Faculdade de Letras (Fale)	Letras
Laboratórios de Planejamento e Gestão em Saúde (Laplang) e de Práticas de Enfermagem	Escola de Enfermagem	Gestão de Serviços de Saúde, Enfermagem e Nutrição
Saúde Digital para o Profissional de Saúde do Futuro	Faculdade de Medicina	Medicina, Fonoaudiologia e Tecnologia em Radiologia

Investimento PÚBLICO em ciência é INSUBSTITUÍVEL

Ana Rita Araújo

O professor Alexander Birbrair, do Departamento de Patologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), é um dos 12 pesquisadores brasileiros contemplados com aporte de R\$ 1 milhão, em edital do Instituto Serrapilheira. Anunciados no último dia 17, os ganhadores foram selecionados entre os 65 pesquisadores de todo o país que receberam R\$ 100 mil em 2018, na primeira fase da 1ª Chamada Pública de Pesquisa Científica do Instituto. Eles terão três anos para dar continuidade às pesquisas iniciadas no ano passado.

Na primeira etapa da investigação, Birbrair explorou o microambiente onde crescem os tumores e revelou a presença e a importância do sistema nervoso periférico nesse microambiente, o que poderá, no futuro, ampliar as possibilidades de tratar o câncer. “Descobrimos que os nervos estão presentes e afetam a progressão do tumor. Nos próximos três anos, vamos investigar como eles atuam exatamente dentro do tumor, quais os mecanismos celulares e moleculares envolvidos, e, assim, tentar elaborar um tipo de terapia baseada nessa descoberta”, sintetiza o professor.

A satisfação de ter sua pesquisa escolhida por revisores nacionais e internacionais para receber o aporte financeiro do Instituto Serrapilheira não ameniza a decepção do professor Alexander Birbrair com os cortes de recursos públicos para a educação e ciência anunciados pelo governo federal.

“É preciso criar uma consciência – que não seja abalada por qualquer governo – de que ciência não é gasto, é investimento. Investir em ciência é planejar, pensar no futuro”, defende o professor na entrevista a seguir:

É possível prever até aonde sua pesquisa pode chegar com esse novo aporte?

Sou um professor recém-concursado, cheguei à UFMG [ele fez doutorado e residência pós-doutoral nos EUA] há menos de três anos. Tirei dinheiro do bolso para construir uma parede em uma sala de aula prática. Meus alunos pintaram e montamos um laboratório. Com os R\$ 100 mil da primeira fase da chamada, equipamos um laboratório com microscópios e lupas e comprei reagentes, para a pesquisa avançar. Cientificamente, o que fizemos com esses

recursos? Descobrimos que os nervos estão presentes e são importantes dentro dos tumores. Percebemos que essas inervações não são passivas dentro dos tumores, mas exercem papéis proativos durante a progressão do câncer. Tendo compreendido a função de cada componente do microambiente tumoral, será possível desenhar drogas farmacológicas capazes de executar o bloqueio do crescimento do tumor. Agora teremos condições de trabalhar com perguntas mais



Birbrair: entre a satisfação e a decepção

complexas, com o intuito de identificar os mecanismos por meio dos quais o crescimento do tumor é regulado pelo sistema nervoso periférico e criar maneiras de manipulá-lo para inibir o desenvolvimento tumoral.

O resultado da chamada foi anunciado em um momento grave, com contingenciamento e cortes de verbas públicas...

Eu voltei para ficar, cheguei ao Brasil com a intenção de trabalhar aqui pelos próximos 30, 40 anos, no mínimo, e é um orgulho estar em casa. Sou extremamente otimista, tenho muita motivação e, em geral, diante de qualquer situação, sempre acredito que é possível superar as dificuldades. Mas, neste momento, estou abalado, surgiram dúvidas, pois a vida de muitos cientistas está sendo

afetada, assim como o futuro do país. Alguns estados brasileiros, como Rio de Janeiro e Minas Gerais, não estão conseguindo financiar as pesquisas, mesmo aquelas que já tinham sido aprovadas em editais. As pessoas concorrendo aos editais, é difícil ganhar, e mesmo ganhando não estão recebendo o recurso. Meu grupo reunia quase 20 pessoas, e algumas já foram embora porque perdemos bolsas da Capes. Pesquisas do meu grupo já foram selecionadas em alguns outros editais (do CNPq e da Fapemig) e, até agora, os recursos não foram repassados.

É preciso criar uma consciência – que não seja abalada por qualquer governo – de que ciência não é gasto, é investimento. Investir em ciência é planejar, pensar no futuro. Não queremos que, daqui a duas ou três décadas, o Brasil seja totalmente dependente e precise importar tudo de outros países, que vão impor o preço que quiserem.

A iniciativa do Instituto Serrapilheira traz esperança?

É importantíssima, sobretudo por operar de forma diferente, dando liberdade aos pesquisadores e sem cobrar necessariamente um produto, como poderiam fazer algumas empresas. No entanto, jamais o financiamento privado poderá substituir o público. Não existe nenhum lugar no mundo – nos EUA, em Israel ou na Europa –, em que o financiamento privado seja maior do que o público. Pela lógica do financiamento privado, ninguém investiria, por exemplo, em pesquisa de matemática ou em temas não aplicáveis. E qual o problema disso? É que hoje em dia não existiriam coisas como celulares e computadores se não houvesse investimento em matemática. Investir em pesquisa básica é responsabilidade do Estado, assim como o investimento em educação e em saúde para não se ter um país de analfabetos e sem médicos. São coisas essenciais. Não queremos um país que não investe em seu futuro.

[Versão ampliada desta entrevista e da matéria sobre os projetos financiados pelo Instituto Serrapilheira foi publicada no Portal UFMG, em 17/5/2019]

VARIA HISTÓRIA

A revista Varia História, periódico do Programa de Pós-graduação em História, acaba de lançar o dossiê Cultura Escrita no Mundo Moderno (volume 35, nº 68, maio/agosto de 2019).

Entre os destaques da edição estão os artigos *Mobilidade dos textos e diversidade das línguas: traduzir nos séculos XVI e XVII*, do historiador francês Roger Chartier, e *Literatura da experiência no século XVII*, de Christian Jouhaud. Os artigos e resenhas podem ser lidos na internet: <https://bit.ly/2X80BSs>.

CIDADÃ HONORÁRIA

A reitora Sandra Regina Goulart Almeida recebe, nesta terça, 28, às 19h, o título de Cidadã Honorária de Belo Horizonte, concedido pela Câmara Municipal. Segundo o vereador Arnaldo Godoy, autor da indicação, trata-se de um reconhecimento ao trabalho da professora como reitora da UFMG. “Neste momento de ataque, essa homenagem se estende a toda a Universidade, que tem sido resistente na luta em defesa da educação de qualidade, da democracia, da liberdade de pesquisa e de pensamento”, afirma.

A cerimônia será realizada na Câmara Municipal, no bairro Santa Efigênia. Sandra Goulart Almeida é professora titular da área de estudos literários da Faculdade de Letras e pesquisadora 1C do CNPq. Formada em Letras pela UFMG, é mestre e doutora pela Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill (EUA). Ela foi vice-reitora da UFMG na gestão 2014-2018.

ATIVISMO JUVENIL E POLÍTICA

O que podemos enxergar além da polarização – participação plena ou apatia – sugerida pelos estudos relacionados à participação da juventude nas políticas públicas? Essa pergunta orienta a reflexão feita no livro *Ativismo juvenil e políticas públicas: o caso do Centro de Referência da Juventude de Belo Horizonte*, de autoria do jornalista Bruno Vieira. A obra é um desdobramento da dissertação de mestrado defendida na Pós-graduação em Psicologia, da Fafich.

“É um trabalho que se frutifica a partir das minhas experiências pessoais (e políticas), que se apresenta como uma tentativa de contribuir (teórica e epistemologicamente) com um debate sobre participação juvenil e incidência política”, afirma o autor, em trecho do livro que está sendo lançado nesta semana. A obra, publicada pelo Grupo Editorial Letramento, custa R\$ 32,90 e pode ser adquirida no site da Editora: <https://bit.ly/2ErC7fj>.



Crianças se divertiram nos carrinhos de rolimã

DOMINGO NO CAMPUS EM MONTES CLAROS

O Instituto de Ciências Agrárias, em Montes Claros, realizou, no último dia 19, a segunda edição do Domingo no Campus. Entre as atrações, foram oferecidas 12 oficinas com atividades artesanais, esportivas, culturais, sobre educação ambiental, inclusão e acessibilidade, além de brincadeiras de rua e contação de histórias.

Os estudantes do Programa PET Neutraliza, do curso de Engenharia Florestal, calcularam o volume de carbono emitido durante o evento pela geração de resíduos sólidos, queima de combustível e gasto de energia elétrica, para, posteriormente, fazerem sua neutralização com o plantio de mudas em áreas degradadas.

ENGENHARIA, 108 ANOS

A Escola de Engenharia celebrou, no último dia 18, 108 anos de fundação, com homenagem às turmas de engenheiros formadas há 60, 50 e 25 anos. Durante a solenidade, realizada na própria Unidade, no campus Pampulha, a preocupação com os rumos da educação pública no país apareceu em boa parte dos discursos.

“A UFMG é um patrimônio do nosso país e do povo brasileiro e, como patrimônio, como riqueza e como legado, ela deve ser reconhecida e reverenciada”, afirmou a reitora Sandra Goulart Almeida, que voltou a manifestar sua preocupação com o bloqueio orçamentário recentemente anunciado pelo Ministério da Educação.

ORIENTADORES PARA EAD

O Centro de Apoio à Educação a Distância da UFMG (Caed) está recebendo inscrições para seleção de 50 professores orientadores para os cursos de especialização em Gestão de Instituições Federais de Educação Superior (Gifes) e em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento, ofertados pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). As inscrições podem ser feitas até 10 (Gifes) e 11 de junho (Projetos Sociais).

Avaliar e orientar os trabalhos de conclusão de curso propostos pelos alunos e integrar suas bancas de defesa estão entre as atribuições dos selecionados. Os interessados devem preencher formulário disponível no site www.ufmg.br/ead, onde também podem consultar os editais de seleção. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-7489.

FORMATURA INDÍGENA

Trinta educadores indígenas das etnias Pataxó, Xakriabá e Pataxó-Hã-Hã-Hãe concluíram a Formação Intercultural de Educadores Indígenas (Fiei), oferecida pela Faculdade de Educação (FAE), com habilitação em Ciências da Vida e da Natureza. A cerimônia de colação de grau foi realizada no último dia 21, no auditório da Reitoria.

Os educadores são de São João das Missões e Itapeçerica (MG), Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Itaju do Colônia e Pau Brasil (BA). O curso, que tem enfoque intercultural, prepara os indígenas para atuarem como professores nos anos finais dos ensinos fundamental e médio.

A formação respeita o comprometimento dos estudantes com as comunidades indígenas, e suas questões sociais inspiram o percurso acadêmico, que se divide entre a sala de aula e os espaços de atuação.

Disposição para **VOLTAR**

Projeto de extensão da Escola de Enfermagem promove oficinas e atividades sobre saúde para população em situação de rua; índice de retorno é elevado

Rosânia Felipe e Teresa Cristina*

Na última sexta-feira de abril, Leomarques Norton da Silva Lúcio, 27 anos, que há sete vive nas ruas de Belo Horizonte, participava, pela primeira vez, de atividade de projeto de extensão da Escola de Enfermagem que atende pessoas em situação de rua. A impressão foi boa, e Leomarques revelou sua intenção de voltar, uma vez que se sentiu valorizado. “Essas ações, mesmo que realizadas duas vezes por mês, nos faz entender que não somos tão invisíveis como imaginávamos”, disse ele.

A atividade é coordenada pela professora Giselle Lima de Freitas, do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública (EMI), e visa aperfeiçoar a assistência e a educação em saúde para a população em situação de rua. As pessoas atendidas pelo projeto frequentam o Centro de Referência Especializado em Pessoas em Situação de Rua, que está na área de abrangência da Unidade de Saúde Oswaldo Cruz, no bairro Barro Preto.

Com a participação dos professores Alexandra Dias, Francisco Lana e Sheila Lachtim, e da aluna voluntária do curso de Nutrição Carolina Preihnsner, o projeto oferece oficinas e atividades educativas sobre temas como doenças sexualmente transmissíveis, uso de métodos contraceptivos e autocuidado feminino, tuberculose, hanseníase, saúde do homem, nutrição, uso de álcool e drogas. As ações educativas ocorrem quinzenalmente, às sextas-feiras.

De acordo com Giselle de Freitas, a população em situação de rua é um grupo vulnerável e suscetível a problemas de saúde. “São pessoas que experimentam vivências de violência e marginalização e têm dificuldades de acesso a serviços de saúde e de assistência social, o que as deixa vulneráveis a doenças preveníveis e tratáveis”, analisa.

Demanda latente

Para a coordenadora do CentroPOP, Aléxa Rodrigues do Vale, a população de rua tem seus direitos violados cotidianamente. “Historicamente, as ofertas de políticas públicas para esse grupo restringiram-se à assistência social”, comenta. De acordo com ela, o projeto da Escola de Enfermagem amplia o trabalho realizado pelo Centro. “A iniciativa tem auxiliado na adesão dos usuários do serviço aos tratamentos de saúde e reforçado a autoestima, o autocuidado e a adoção de hábitos preventivos. Essa aceitação indica que há uma demanda latente”, analisa Aléxa.

Bruna, de 26 anos, também participou do projeto pela primeira vez no fim de abril. “Às vezes, há moradores de rua que não sabem que têm alguma doença, ou têm medo de fazer exames e de falar. Quando conhece a saúde que tem e o corpo que carrega, você passa a saber onde dói e onde machuca. Esse conhecimento



Fotos: Rosânia Felipe | Escola de Enfermagem



Trabalho da Enfermagem amplia assistência prestada pelo Centro

é importante”, afirmou. Alexandre Siqueira de Souza, 46 anos, que está na rua há pouco mais de um ano, disse frequentar os encontros desde o princípio: “É um aprendizado muito grande”. De acordo com a professora Giselle Lima, as ações do projeto reúnem de 15 a 20 pessoas por encontro, com elevados níveis de retorno. “Em todas as ocasiões, observa-se boa receptividade, com interação e participação. Eles participam de forma ativa fazendo questionamentos e relatando suas experiências pessoais”, informa a professora.

*Jornalista e estagiária de jornalismo, respectivamente, da Escola de Enfermagem